

PANORAMA DO TEATRO EM CAMPINAS NOS ANOS 20

Duílio Battistoni Filho

(Professor do IAC/PUCCAMP)

O teatro em Campinas nasceu em 1835, quando se fundou uma sociedade teatral, que contou com o apoio da Câmara Municipal. Amadores locais se responsabilizaram pela apresentação da peça “Os dois Sargentos”, no Teatro São Carlos, um dos mais importantes do Estado, em sua época, que não possuía cadeiras em seus camarotes, obrigando os espectadores a levá-las de casa. A cidade teve os seus teatrólogos, que além de escreverem peças, as ensaiavam, estimulando os grupos que se foram formando no decorrer do tempo. Entre os nomes que devem ser lembrados está o do Bispo D. João Batista Correia Nery, Rafael Duarte, Benedito Otávio e Amilar Alves. O Teatro Municipal, inaugurado em 10 de setembro de 1930, depois de receber os maiores nomes nas artes, foi demolido em 1965, com protestos da população, após uma comissão de engenheiros haver constatado que o prédio apresentava rachaduras.

Campinas primou sempre pela sua cultura e saber, graças aos seus excelentes clubes, escolas e teatros. Localizada numa área geográfica estrategicamente importante, vem atraindo pessoas das cidades circunvizinhas ou de outras distantes, desejosas de conhecer o ambiente cultural campineiro, especialmente o teatro.

Pergunta-se: como nasceu o teatro na terra de Carlos Gomes ? Sabe-se, pelas crônicas, que em 1835, surge uma sociedade teatral encarregada de promover seus espetáculos e, por isso, uma solicitação é feita à Câmara no sentido de conceder um terreno no Beco das Casinhas, (atual Gal. Osório) para a construção de um edifício destinado às suas atividades¹.

Em 1846 é constituída uma comissão encarregada de levantar fundos para a construção de um teatro, velho sonho dos campineiros e que se torna realidade em 1850, com a inauguração do Teatro São Carlos, o qual, segundo Rafael Duarte, na sua inauguração, “apresentava um aspecto

phantastico, deslumbrante de luz, adornado de lindos festões de flores, adaptado de folhagens, todo embandeirado.”²

O primeiro espetáculo apresentado foi a peça: “Os Dois Sargentos”, encenada por amadores locais. É interessante observar que nos camarotes não havia cadeiras, obrigando os espectadores a trazê-las de casa. Quem alugasse um camarote “podia enchê-lo à vontade, ainda que os concorrentes ficassem como sardinha em lata”³. Podemos imaginar o desconforto daquelas que, por alguma razão, não levassem as referidas cadeiras...

Fato pitoresco digno de registro é que nos intervalos, as pessoas realizavam verdadeiros festins pantagruélicos ao comerem desde virado de frango até lingüiças fritas⁴.

O palco do São Carlos era ocupado por diversos grupos dramáticos e conjuntos musicais das sociedades Artísticas, como: a Theatral Bohemia Dramática, a Recreio Familiar, a Cultural Arcádia Luso-Brasileira, a Luís de Camões e a Artística Beneficente entre outros. Companhias estrangeiras e fluminenses, visitando São Paulo, não deixavam de se apresentar em Campinas, às vezes mesmo antes de fazê-lo na Capital.

Castro Mendes acentua que “a 29 de julho de 1875, inaugura-se a iluminação a gás em várias ruas da cidade, e o Teatro São Carlos festeja o evento abrindo suas portas a alguns melhoramentos: cadeiras de palhinha, pintura geral e novo pano de boca pintado pelo artista Vilaronga, sugestivo quadro representando uma cena do Guarani. Nessa noite iniciava-se a temporada de uma companhia de zarzuelas espanholas. Em seguida apresentava-se a Companhia Lírica Cortesi, seguindo-se a importante lírica francesa Des Bouffes Parisiens”⁵.

Visitando Campinas, Augusto Emílio Zaluar observou que “o teatro é melhor que o da Capital, faz honra ao bom-gosto e riqueza da população”⁶, mas que D. Pedro II achou apenas sofrível quando aí assistiu, em 1875, a dois atos da zarzuela “O Juramento”.

O grande acontecimento teatral no final do século foi a chegada da célebre artista francesa Sarah Bernhardt, a 4 de julho de 1886, para uma única apresentação, no Teatro São Carlos, da famosa “Dama das Camélias” de Alexandre Dumas. O espetáculo foi um sucesso a ponto de o jornal Gazeta de Campinas assinalar que “Campinas nunca vira semelhante acontecimento”⁷.

D. João Batista Correia Nery, grande incentivador do Teatro Amador de Campinas

A chegada do novo século não diminuiu o vigor da atividade amadora. A penetração do imigrante fez surgir novos grupos, ligados a en-

tidades assistenciais. O teatro amador encontrou grande incentivo na figura do primeiro bispo de Campinas, D. João Batista Correia Nery.

Nascido nesta cidade a 6 de outubro de 1863, de família humilde, cursou o Colégio "Culto à Ciência", revelando desde menino predileções para a arte cênica, tanto é verdade que, aos 17 anos, escreveu, de parceria com Joaquim Gomes Pinto, o drama intitulado "Pai e Filho", em um prólogo e três atos, peça representada no Teatro São Carlos pela famosa companhia Couto da Rocha. Fundou a Ravena Dramática, uma das mais antigas sociedades de amadores organizadas nesta época. Durante o seu longo apostolado como sacerdote e mesmo depois de elevado à dignidade episcopal, jamais deixou de se interessar pelas lides da ribalta, escrevendo várias peças que tiveram a sua direção quando encenadas pelos alunos de colégios católicos. Em 1907 apresentou "O Seminarista" em três atos, e, no ano seguinte, "A Vitória da Fé", drama em três atos, "Ódio e Crença" em cinco atos e seis quadros. Em 1914 escreveu "O Filho do Contrabandista" em quatro atos e "Judas em Sábado de Aleluia", comédia em dois atos.

Afastado de Campinas entre 1896 e 1908, logo ao voltar, constrói, anexo ao recém-criado Externato São João, um teatrinho dedicado aos amadores⁸. Depois de um trabalho profícuo junto aos seus diocesanos, D. Nery falece a 1 de fevereiro de 1920.

Muito importante para o teatro campineiro foi a fundação, em 1913, de um grupo dramático formado de ex-alunos de D. Bosco, tendo à frente o padre José dos Santos. Este conjunto chamado de "Benedito Otávio" desenvolveu grande atividade, contando com a assistência de D. Nery. Foi a primeira escola de amadorismo teatral em Campinas e que contou com a direção de José Guedes de Castro e Nestor Amaral, além de célebres intérpretes e colaboradores, como: Vicente Ghilardi, Luís Laloni, Ferdinando Panatoni, Plínio Alves Porto, Felício Martone, Trajano Guimarães e, mais tarde, o conhecido homem de rádio e televisão, Walter Forster. Estes Amadores eram muito unidos e levavam o trabalho bastante a sério, não admitindo artistas relapsos, sem o necessário espírito teatral. Vicente Ghilardi em entrevista a um órgão da imprensa afirmava "que o grupo era tão bom que os veteranos se recusavam a trabalhar com artistas bisonhos"⁹.

Entre as peças encenadas das quais participavam somente elementos masculinos, visto que as famílias não permitiam que as moças integrassem elencos mistos, destacaram-se: "O Bando Negro", "Sherlock Holmes", "Anjo da Meia-Noite", "Filhos da Miséria" e "Os dois Nobres". D. João Nery, Amilar Alves e Bernardo Leite da Silva atuavam como ensaiadores. A peça lírica "Ressurreição" de Mário Monteiro foi representada pela primeira vez no Teatro São Carlos, acompanhada da orquestra desta instituição¹⁰.

Cumpra observar que Campinas forneceu grandes teatrólogos, como Amilar Alves, Rafael Duarte e Benedito Otávio, que foram as maiores expressões da década de 20.

Amilar Alves (1881 – 1941) foi um dos diretores do grupo dramático “Benedito Otávio” e autor de inúmeras peças, destacando-se “João da Mata”¹¹, que conta a História de um coronel que usurpa terras dos camponeses; “Qui, Quae, Quod, sátira a um grupo de estudantes numa república; “Tagarelice de um Papagaio” que narra uma situação cômica provocada pelo bípede na casa de um português enriquecido. Pelo seu espírito circense, humor mundano e elegante, estas duas últimas peças despertam interesse.

Rafael Duarte (1867 – 1958) constituiu um baluarte em prol do teatro amador de Campinas. Escreveu, dirigiu e fundou grêmios como o Bandeirantes e o G.A.R.D. (Grêmio Artístico Rafael Duarte). Quando prefeito de Campinas construiu o Teatro Municipal, de saudosa memória. Sua produção teatral é rica e variada, destacando-se as peças “A Preceptora”¹², “Céu Aberto”, comédia em três atos, “Lulu da Lili”, também em três atos, “Café com Pinga”, “O Encontro das Águas Claras” e “Bento Requinta”. Segundo o depoimento de Milton Duarte Segurado “a sua paixão pelo teatro incluía todos os gêneros pois o estimou sob todos os aspectos, falado e cantado, sendo grande apreciador de óperas e operetas, italianas, vienenses, e, principalmente, espanholas, as célebres “zarzuelas”, de que o ouvimos falar mais de cem vezes, lamentando sempre o seu desaparecimento dos palcos brasileiros”¹³.

Joracy Camargo, célebre autor teatral brasileiro, elogia sua obra afirmando “que o meu nobre amigo é um legítimo autor... que se poderia colocar na vanguarda dos nossos melhores comediógrafos, com grande conhecimento da natureza humana e de todos os seus fenômenos”¹⁴.

Por último, mas não em ordem de importância, a figura inigualável de Benedito Otávio (1871 – 1927), autor de mais de trinta trabalhos entre dramas, comédias e operetas. No Teatro São João e no Ginásio Diocesano dirigiu espetáculos e incentivou os jovens no culto às artes cênicas. Suas peças caracterizam-se pela escolha dos temas e pelo rigoroso sentido educacional. Especialista no gênero dramático, produziu, entre outras, “O Bando Negro” em três Atos, “Fantomas”, policial em três atos, “Anjo da Meia Noite” em três atos, “Jogo e Usura”, em três atos, “Poder e Fé” e “Os Inconfidentes”. Foi o primeiro campineiro a participar da Academia Paulista de Letras.

Em 1926, na União Santo Agostinho, era fundado um grupo teatral de igual nome e que chegou a rivalizar-se com o “Benedito Otávio”, do Externato São João. Raul Marques, seu diretor, admitiu pela primeira vez a presença de mulheres nos elencos. Muitos atores se destacaram, como

Noé Rodrigues, Manoel Ferreira, João Nicodemo, Júlia Ferreira, Ruth Alves, Maria Gomes e também Vicente Ghilardi, Nestor Amaral e Felício Martone, sendo que estes três últimos eram egressos do “Benedito Otávio”.

Também na década de 20 destacou-se o grupo teatral “José do Patrocínio”, dos homens de cor. Grosso modo, suas peças falavam a respeito do negro na sociedade brasileira e o papel da liberdade entre os povos. Muitas dessas peças eram publicadas no semanário “Getulino” órgão da sociedade de cor na década.

A Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, lamentavelmente não se interessou pelo teatro pelo fato de ser, segundo seus organizadores, uma síntese de elementos artísticos e não apresentar nenhuma originalidade.

A verdade é que, no seu processo de atualização estética a semana se voltou, mesmo, contra uma das correntes mais em voga no teatro em São Paulo: a regionalista. Esta, se apoiava em figuras do nosso hinterland, entre elas, coronéis, caipiras, delegados, juízes e o italiano lavrador. Na ideologia dos modernistas constava o combate “ao inoportuno arcadismo, academismo e provincianismo. O regionalismo pode ser um material literário, mas não o fim de uma literatura nacional, aspirando o universal”¹⁵.

Urge destacar que os modernistas não pareciam se entusiasmar muito com o teatro que se fazia aqui. Voltavam suas atenções para o cinema como se pode perceber, nessa apresentação da revista “Klaxon”: “O cinema existe. Pérola White é preferível a Sarah Bernhardt. Sarah é tragédia, romantismo sentimental e técnico. Pérola é raciocínio, instrução, esporte, rapidez, alegria, vida. Sarah Bernhardt, século 19, Pérola, século 20”¹⁶.

Mário de Andrade Tentou, sem muito êxito, trazer para o teatro o tema brasileiro, misturando-o às suas pesquisas musicais, o mesmo acontecendo com Osvald de Andrade, cujas peças nunca foram representadas nos palcos da época.

Procópio Ferreira em Campinas (1924) com “Minha prima está louca”

Todavia, São Paulo conheceu, em 1922, uma das tentativas mais interessantes de renovação teatral: aquela empreendida por Oduvaldo Viana (1892 – 1972), que liderou um movimento em defesa do autor e ator nacionais, ao fundar a Companhia Brasileira de Comédia no Rio de Janeiro.

A estréia deu-se com “Manhãs de Sol” do próprio Oduvaldo. No elenco, liderado por Abigail Maia, já se salienta o jovem ator Procópio Ferreira, que depois de vários sucessos com Oduvaldo, dele se desligaria para formar a sua própria Companhia, em março de 1924. Assim é que, em

julho, a Gazeta de Campinas chamava a atenção do público para a apresentação de Procópio, no Teatro Rink com a comédia "Minha prima está louca" que arrancou aplausos do público¹⁷. Estava em voga, na época, a apresentação de autores argentinos e, por isso, Procópio sempre era parabenizado pela Sociedade Argentina de Autores.

Procópio foi um dos primeiros a se preocupar com problemas de cenografia e por isto convidava sempre artistas plásticos a colaborar em suas montagens. Paim, Henrique Manzo, Lula Cardoso Aires e Warchavchik aprimoravam a cenografia, mais pela forte impressão causada pelas imagens do cinema do que pelas novas concepções cenográficas.

Jaime Costa, outro consagrado artista nacional e o primeiro a representar Pirandello em português, veio a Campinas a 3 de dezembro de 1924, quando se apresentou no Teatro Rink, com a comédia "O Modesto Philomeno" de Gastão Tojeiro, obtendo enorme sucesso¹⁸.

Não faltaram em 1924, em Campinas, revistas e burletas como as de Arruda, Yercolis-Villar, notadamente a comédia "O Inferno por dentro", apresentando, Alda Garrido, atriz típica, surgida nos entreatos das sessões de cinema.

Uma das maiores figuras do teatro nos anos 20 foi Leopoldo Froés (1882 – 1932), ator de cinema e teatro nacionais. Formado em Direito, estreou em Portugal com o "Rei Maldito". Em 1908, de volta ao Brasil, organizou sua própria empresa. Escreveu para o teatro duas peças: "Mimosa" e "Outro Amor". Deve-se-lhe a primeira tentativa séria, depois de João Caetano, de dar à arte cênica e sobretudo à dicção brasileira o valor de caráter estético, com o que se consagrou como o melhor ator brasileiro. Na opinião do crítico Sábado Magaldi "Leopoldo Froés conseguiu vencer a indiferença do público pelo teatro sério"¹⁹. Paulo Mendes de Almeida, escritor paulista, foi além, ao afirmar "que Froés foi o maior ator brasileiro, graças à sua versatilidade, que lhe permitiu ir da tragédia à chanchada, com igual brilho"²⁰.

A Companhia de Leopoldo Froés apresentou-se em Campinas, em abril de 1925, para uma temporada no Teatro Rink obtendo sucesso em peças como: "Senhorita Talharim", "O Sapo e a Estrela", "O Café do Felisberto" e o "Simpático Jeremias"²¹.

Cumpramos assinalar, todavia, que críticas eram endereçadas a estas companhias na década de 20. Assim é que Alcântara Machado lamentava "a leviandade com que se forma nessa terra uma companhia de comédia. Em torno de um nome prestigiado pelo seu talento ou pela simpatia que lhe dedica o público, reúne-se meia dúzia de elementos vindos de todos os lados, do teatro de revista, do teatro de variedades e dá-se um título pomposo ao conjunto e toca a representar"²².

Sábato Magaldi assinala “que se examinarmos o elenco de alguns desses grupos não lhe faremos injustiça de pensar que tinha mérito apenas o astro, que em geral lhes dava o nome. Avultaram, de fato, naqueles tempos um Leopoldo Froés e depois um Procópio Ferreira. A improvisação de efeitos cômicos (...) o desequilíbrio do conjunto (...), a ausência do diretor de coordenar o espetáculo se fariam sentir”²³.

Outro ponto a se destacar era a péssima condição de trabalho do ator. Olga Navarro, atriz dos anos 20, dá o seguinte depoimento: “os ensaiadores não davam o texto para a gente. Nós não sabíamos o que estávamos fazendo, não tínhamos um entendimento psicológico dos personagens. Outra coisa: as roupas, as indumentárias dos atores e das atrizes eram comprados por nós mesmos. E vivíamos sempre endividados com os costureiros e com os sapateiros”²⁴.

Teatro Municipal: empréstimo de 700 contos para construí-lo.

A proximidade de Campinas com a capital fazia com que muitas companhias se dispusessem a vir para cá, especialmente as nacionais. Compulsando os jornais da época, verificamos a quase ausência de conjuntos estrangeiros, já que as péssimas instalações de nossos teatros as afastavam²⁵. Somente em 1930 é que a situação melhorou com inauguração do Teatro Municipal fazendo com que aqui se apresentassem os que chegavam do exterior.

Vamos traçar um bosquejo histórico de sua construção.

No século passado, a 4 de setembro de 1884, foi constituída uma comissão para tratar da construção de um novo teatro. Já que a população crescia em vista do poderio econômico da cidade, enquanto que o velho São Carlos não atendia aos anseios de todos.

Foi convidado o arquiteto Ramos de Azevedo para traçar a planta, considerada arrojada. Entretanto, a Câmara negou licença para a construção por falta de recursos financeiros.

O assunto somente voltou à baila em 1921, quando foi apresentada à Câmara Municipal uma indicação para a construção de um teatro à altura de Campinas. Assinaram o documento, os Srs. Rafael Duarte, Eneas Ferreira, Miguel de Barros Penteadado, Pedro Anderson, Justo Ferreira, Arlindo de Lemos Júnior, Turíbio de Moraes, Paulo de Castro Pupo e Clodomiro Silveira.

A 5 de setembro de 1921 foi decretada a lei nº 272, autorizando a construção de um teatro e o empréstimo interno de 700 contos para as despesas. Na Câmara, integrada por 12 membros, 8 votaram a favor. Álvaro Ribeiro declarava não se conformar com esta lei, profligando⁶

ser o teatro uma coisa supérflua e dispendiosa para o município a ponto de recorrer ao Senado, que lhe negou provimento, por falta de amparo legal.

A 6 de maio de 1922, o então prefeito Rafael Duarte manda à Câmara um ofício acompanhado de relatório do Dr. Ramos de Azevedo, afirmando que o novo teatro deveria ser construído no lugar do antigo São Carlos. O prefeito opinava pela aquisição das poucas ações do teatro, em poder de particulares, a fim de ser possível a desapropriação do terreno para a nova construção. Tempos após, votava-se a resolução nº 664 de 22 de maio, permitindo à Prefeitura adquirir as ações da Associação São Carlos.

Entretantes, surgia uma polêmica na cidade que iria adquirir contornos dramáticos: a localização do futuro teatro. Uns achavam que o local mais apropriado seria o Jardim Público (Carlos Gomes), enquanto que outros opinavam que a nova casa deveria ser no próprio terreno do São Carlos. A “Gazeta de Campinas”, ao consultar o povo publicou a carta do Sr. Vicente Soares Landt, que afirmava ser prejudicial a mudança para o Jardim Público, pois o teatro perderia freqüência e beneficiaria os cinemas do centro²².

Em ofício de 13 de junho de 1922, o prefeito municipal comunicava à Câmara ter comprado, de acordo com a resolução nº 664, as ações da antiga associação São Carlos, e solicitava permissão para demolir o teatro, a fim de, em seu lugar, ser construído o novo. A Câmara decretou então a lei nº 286, de 22 de junho, aprovando a autorização e estabelecendo um concurso, pelo prazo de 60 dias para o recebimento de projetos e plantas. O projeto escolhido pela comissão (composta pelo arquiteto Dr. Alexandre Albuquerque, Décio Novaes e o engenheiro Carlos Stevenson) foi o apresentado por Chiappori & Lanza. O lançamento da pedra fundamental deu-se a 7 de setembro daquele ano.

A 24 de março de 1923 o então prefeito, Dr. Miguel Penteado declarou de utilidade pública os prédios nº 16 da R. José de Alencar e nº 1 da R. 13 de maio, com a lei nº 304, para o alargamento do local em que deveria ser construído o teatro. Adquiridos esses prédios, imediatamente foram demolidos juntamente com o teatro. O contrato da construção foi feito com o Dr. Mariano Montessanti, que iniciou a obra em fevereiro de 1924, na gestão do próprio Dr. Miguel Penteado.

Assumindo a Prefeitura o Sr. Orozimbo Maia em agosto de 1926, foi rescindido o contrato com o Dr. Mariano Montessanti assumindo a responsabilidade e daí em diante de maneira eficiente, o Dr. Perseu Leite de Barros, engenheiro chefe da Repartição de Obras da Prefeitura. A organização dos detalhes arquitetônicos e o orçamento geral para a conclusão do teatro foram feitos pelo arquiteto Cristiano das Neves.

O trabalho artístico de pintura ficou a cargo da firma "Melusina Sociedade." As poltronas foram fornecidas pela firma "Pastor & Filhos" de Porto Alegre. O mobiliário e tapeçaria couberam à famosa "Casa Alemã" de Campinas. "Florêncio Teixeira e Cia." ficaram encarregados da instalação elétrica e os trabalhos de decoração e gesso foram feitos por Otávio Papaiz.

O pano de boca, pintado por Dakir Parreiras²⁸ em Niterói, apresentava Carlos Gomes no primeiro plano vestindo uma túnica escarlate arrancando do piano notas vibrantes de "O Guarani", "Escravo" e "Salvador Rosa". À direita gemiam violinos misturando-se com harpas e violoncelos enquanto que à esquerda via-se uma vegetação onde andorinhas voavam ao lado das musas que deslizavam sobre a relva.

O Teatro, de estilo renascentista francês compunha-se de uma sala com quatro andares assim distribuídos: no 1º, platéia e frisas; no 2º, camarotes e balcões de foyer; no 3º, balcões e no 4º, as gerais. O seu custo aproximou de 1.700:000\$00, abrangendo compra de ações do Teatro São Carlos, desapropriações e os serviços executados. Sua lotação era de 1.483 pessoas²⁹. Sua inauguração deu-se a 10 de setembro com a presença do Prefeito municipal Orozimbo Maia, que o concluiu, e do Presidente do Estado, Dr. Heitor Penteado.

O espetáculo de estréia foi a ópera "O Guarani" de Antonio Carlos Gomes que contou com a participação dos atores Bidu Sayão, Carmem Gomes, Reis e Silva, Asdrubal de Lima e outros. A orquestra composta de 50 participantes foi regida pelo maestro Francisco Mignone.

O Teatro Municipal, a partir de 1930, iniciaria nova fase na vida cultural da cidade ao atrair grandes companhias nacionais e estrangeiras. Funcionou durante trinta e cinco anos, acolhendo todo o tipo de atividade, desde festivais de música, exposição de arte, bailes, comícios políticos e até sede de repartição pública. Em 1965 vistoriado por uma comissão de engenheiros, seu prédio apresentou rachaduras, acabando por ser interdito e finalmente demolido, apesar dos protestos da população.

NOTAS

(1) MENDES, José de Castro. **Efemérides Campineiras**. Campinas, Palmeiras, 1963. p. 29.

(2) DUARTE, Rafael. **Campinas de outr'ora**. São Paulo, Andrade & Mello, 1905. p. 93.

(3) Id. p. 93.

(4) Id. p. 93.

(5) MENDES, José de Castro. História de Campinas. **Suplemento Correio Popular**, Campinas, 6 mar. 1969.

(6) ZALUAR, Augusto Emílio. **Peregrinação pela Província de São Paulo: 1869 — 1861**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975. p. 139.

- (7) GAZETA DE CAMPINAS. Campinas, SP, 6 jul. 1886.
- (8) A princípio as peças eram levadas no Salão Caritas e depois transferidas para o Externato São João.
- (9) JORNAL DE CAMPINAS. Campinas, SP, 28 jun. 1959.
- (10) MARIANO, Júlio. **Campinas de ontem e anteontem**. Campinas, Maranata, 1970. p. 177.
- (11) A referida peça deu origem a um célebre filme campineiro do mesmo nome.
- (12) DUARTE, Rafael. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**. Campinas, nº 37, 31 dez. 1914, pp. 35 – 54.
- (13) DUARTE, Mílton. Rafael Duarte Íntimo. **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**. Campinas, nº 65, 1959, p. 36.
- (14) Id. p. 44.
- (15) MAGALDI, Sábato. Cem anos de teatro em São Paulo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, nº 54, 3 jan. 1976.
- (16) KLAXON. 15 maio 1922.
- (17) GAZETA DE CAMPINAS. Campinas, SP, 20 jul. 1924.
- (18) GAZETA DE CAMPINAS. Campinas, SP, 4 dez. 1924.
- (19) Magaldi, Sábato. op. cit., p. 2.
- (20) MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo Apud. **As Mil e uma vidas de Leopoldo Froes**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, p. 205.
- (21) GAZETA DE CAMPINAS. Campinas, SP, 18 abr. 1925.
- (22) JORNAL DO COMÉRCIO. Campinas, SP, 24 jul. 1924.
- (23) MAGALDI, Sábato. **Panorama do teatro brasileiro**. Funarte, 1972. p. 189.
- (24) VARGAS, Maria Tereza Apud. A Idade do teatro paulista: 430 anos. **Folhetim**, São Paulo, 16 out. 1981, p. 5.
- (25) Campinas possuía quatro teatros na década de 20: o São Carlos, que seria demolido em 1923, o Rink, o Cassino Carlos Gomes e o Cine-teatro São Carlos.
- (26) RELATÓRIO dos Trabalhos realizados pela Prefeitura de Campinas. Rafael Duarte, Casa Genoud, 1922. p. 36.
- (27) GAZETA DE CAMPINAS. Campinas, SP, 26 jan. 1923.
- (28) Filho do célebre pintor Antonio Parreiras.
- (29) GAZETA DE CAMPINAS. Campinas, SP, 10 nov. 1930.